Trump e o preço de afastar os aliados

Publicado em 2026-10-22 15:33:08

Trump e o preço de afastar os aliados

Entre o gasóleo russo, os caças europeus e as terras raras chinesas, a confiança tornou-se uma variável estratégica.

> Estados Unidos poderão suportar se a confiança europeia se desgastar enquanto Moscovo mantém a parceria com Pequim.

A influência de uma potência começa a diminuir quando os aliados passam a preparar-se para as suas mudanças de humor. Pode conservar porta-aviões, empresas poderosas e uma moeda internacional. Mas, à mesa das decisões, os parceiros começam a trazer um plano alternativo.

É esse o perigo que vejo na deriva trumpista. Os Estados Unidos correm o risco de gastar uma parte da sua força a convencer os aliados de que precisam de se proteger da imprevisibilidade americana. Durante anos, uma futura administração poderá ter de pagar para reconstruir relações que hoje parecem negociáveis ao preço de uma boa manchete.

A força americana também se construiu através da confiança. Países que escolhem cooperar, partilhar informação, comprar tecnologia e coordenar decisões dão a Washington uma influência que nenhum orçamento militar consegue reproduzir sozinho. Quando essa

O negócio com Moscovo e a relação com Pequim

O acordo sobre gasóleo russo oferece um exemplo incómodo. Em 9 de outubro, o Tesouro americano autorizou determinadas transacções relacionadas com gasóleo de origem russa, incluindo importações para os Estados Unidos, até 7 de abril de 2027. A abertura comercial tem limites definidos na licença, mas é uma concessão concreta num contexto de guerra. [1]

Baixar o preço do combustível é um objectivo legítimo. O problema está no que se entrega para o conseguir e naquilo que se obtém em troca. Um governo deve explicar como compatibiliza o alívio para os seus consumidores com a pressão económica sobre quem invadiu a Ucrânia. Uma conversa cordial com Putin deixa essa pergunta por responder.

Na minha leitura, o risco estratégico é conceder vantagens a Moscovo esperando uma mudança de alinhamento que ainda precisa de ser demonstrada. Putin pode aceitar oportunidades comerciais americanas e preservar a relação com Pequim. Receber de um lado não o obriga a largar o outro.

financiamento e fornecimento de tecnologia. Identifica divergências entre os dois países, mas considera que elas não alteram a trajectória geral da parceria. [2]

Por isso, quem pretenda afastar a Rússia da China terá de mostrar resultados verificáveis. A cordialidade diplomática vale pouco como prova. Moscovo tem interesse em obter margem de manobra, e essa margem pode servir precisamente para continuar a sua política com menos pressão.

Os caças e a confiança no fornecedor

Entretanto, a Europa observa. Um aliado que vê as suas preocupações de segurança subordinadas às necessidades eleitorais do parceiro começa a rever dependências. A conclusão pode surgir devagar, em reuniões discretas, e acabar numa encomenda industrial cujo destino mudou.

É aqui que entram os caças. Comprar um avião de combate cria uma relação com o fornecedor que atravessa vários governos. Envolve manutenção, peças, actualizações e informação técnica. O próprio GAO

O desempenho do avião merece avaliação séria, tal como as missões a cumprir e os prazos de entrega. A confiança no fornecedor acrescenta outra variável. Um equipamento pode satisfazer os requisitos militares e, ainda assim, obrigar o comprador a pensar cuidadosamente nas dependências que assume.

A Europa já possui uma indústria de caças séria. Rafale, Eurofighter e Gripen são uma base industrial que pode ganhar escala com encomendas coordenadas e investimento continuado. O comportamento de Washington pode tornar politicamente mais fácil justificar esse esforço. Trump arrisca-se a promover a concorrência europeia sem receber comissão.

Convém, contudo, acompanhar decisões reais. Em 8 de outubro, Portugal reafirmou que considera seriamente o F-35, juntamente com outras opções. [4] A mudança de incentivos ainda terá de se traduzir em contratos. E a autonomia europeia exige examinar os componentes: o Gripen E, por exemplo, utiliza um motor americano da General Electric. [5]

A oportunidade europeia depende, portanto, de trabalho europeu. Exige capacidade para resolver disputas industriais, manter investimentos ao longo dos anos e

A Europa negoceia com a China

Nas relações com a China, há outro sinal de uma Europa que procura negociar segundo os seus próprios interesses. O entendimento anunciado em 9 de outubro combina medidas para conter as exportações chinesas de automóveis híbridos para a União Europeia, melhorar o acesso de produtos europeus ao mercado chinês e facilitar licenças de exportação de terras raras e ímanes. Foi apresentado como um primeiro passo. [6]

A execução dirá quanto vale esse entendimento. Para a Europa, assegurar fornecimentos pode dar tempo para diversificar origens e desenvolver capacidade própria. Se esse tempo for desperdiçado, a dependência continuará à espera da próxima autorização de Pequim.

Ainda assim, o exemplo mostra que interesses comerciais e divergências políticas podem ser negociados em conjunto. A Europa tem razões para proteger a sua indústria e procurar acesso a matérias-primas. A China tem razões para preservar mercados. Essa negociação deixa espaço para decisões europeias que Washington não controla.

China, os Estados Unidos poderão perder influência enquanto Moscovo e Pequim preservam a sua cooperação. A China poderá ganhar margem numa relação ocidental menos coordenada.

O resultado dependerá das escolhas de cada governo. Os europeus também podem cometer erros, e a China pode usar a dependência de materiais essenciais como instrumento de pressão. A resposta europeia terá de ser exigente com todos os fornecedores, incluindo os seus parceiros comerciais mais convenientes.

A factura que fica para os sucessores

O perigo americano está em desvalorizar o efeito acumulado das suas escolhas. Cada episódio pode parecer administrável. Ao longo do tempo, os parceiros mudam os seus planos, investem noutras cadeias de fornecimento e passam a exigir mais garantias. Uma relação comercial perdida leva consigo receitas futuras e, muitas vezes, capacidade de influência.

frágeis. Em linguagem de sistemas, o *rollback* chega depois de os restantes nós da rede terem mudado de configuração.

A reconstrução da confiança exigirá continuidade. Um discurso de reconciliação pode abrir uma porta; o comportamento durante uma crise determinará se ela permanece aberta. Haverá dinheiro envolvido, mas também esforço diplomático e paciência para voltar a tornar a palavra americana credível.

Trump gosta de apresentar a política como uma sucessão de negócios ganhos. O saldo de uma potência merece uma contabilidade mais longa. Uma concessão imediata pode ser visível; a influência que se perde costuma aparecer mais tarde, quando alguém atende o telefone e já tomou a decisão com outro parceiro.

Os Estados Unidos continuam a ter recursos para corrigir o rumo. Precisam de tratar a confiança dos aliados como parte da sua própria força e de exigir provas antes de transformar a proximidade com Putin numa vitória estratégica.

O gasóleo poderá chegar. Alguns contratos de caças poderão continuar. A pergunta que ficará para os

Trump deixará aos sucessores: um país ainda poderoso, obrigado a trabalhar muito mais para que os outros voltem a acreditar nele.

FACTOS ESSENCIAIS

- A licença americana para determinadas transacções de gasóleo russo vigora até 7 de Abril de 2027. [1]
- A USCC descreve uma dependência russa crescente da China, apesar das divergências entre os dois países. [2]
- Portugal continua a considerar o F-35 juntamente com outras opções para substituir os F-16. [4]
- O entendimento UE–China abrange híbridos, acesso ao mercado chinês e licenças de terras raras e ímanes. [6]

Esta crónica é um texto de opinião, apoiado em informação pública disponível em 10 de Outubro de 2026. As referências identificam os factos citados; a avaliação dos riscos diplomáticos, comerciais e industriais é interpretação editorial. As consequências futuras dependerão das decisões dos governos e da execução dos compromissos anunciados.

Negociar preços de energia, mercados ou fornecimentos essenciais é legítimo. O escrutínio exige avaliar as concessões, a reciprocidade e os efeitos sobre a segurança e a confiança dos parceiros. A autonomia europeia também deve ser medida pela capacidade industrial e pela diversificação de fornecedores.

A crítica dirige-se à política da administração Trump. Os Estados Unidos conservam capacidades institucionais, económicas e diplomáticas para corrigir o rumo. A defesa de uma Europa mais autónoma deve continuar compatível com uma cooperação transatlântica credível.

License No. 135 — 9 de Outubro de 2026

- [2] U.S.-China Economic and Security Review Commission — China-Russia Fact Sheet: A Short Primer on the Relationship — 20 de Agosto de 2026
- [3] U.S. Government Accountability Office — F-35 Sustainment: Actions Needed to Ensure Updated Strategy Improves Persistent Readiness Challenges — 11 de Junho de 2026
- [4] Reuters — Portugal seriously considers US F-35 jets along with other options — 8 de Outubro de 2026
- [5] Saab — Gripen E-series — Especificações oficiais do fabricante
- [6] Reuters — EU says it agrees with China to halve hybrid vehicle exports to EU — 9 de Outubro de 2026
- [7] Reuters — Germany sticks to Russia sanctions after Trump announcement on diesel — 10 de Outubro de 2026
- [8] Financial Times — China and EU avert trade conflict with understanding on hybrid cars — 9 de Outubro de 2026

Fragmentos do Caos

FC-Chronic-News

☁️ GitHub Pages

🛰️ CodeBerg Pages

🌌 **Fragmentos do Caos:** Blogue • Ebooks • Carrossel

👁️ Esta página foi visitada ... vezes.

Contactos